

O PROCESSO DE FORMAÇÃO DA VILA CATINGA NO CONTEXTO DA URBANIZAÇÃO DA CIDADE DE PELOTAS

*Gilciane Soares Jansen¹
Paula Neumann Novack²
Rosalina Burgos³*

1 INTRODUÇÃO

Neste trabalho, aborda-se o tema geral da urbanização da cidade de Pelotas, com ênfase à formação de suas periferias urbanas. Mais especificamente, trata-se de um estudo sobre o processo de formação de uma das vilas existentes em seu espaço urbano, das quais se destaca a denominada “Vila Catinga”. O estudo está sendo desenvolvido no âmbito da Geografia Urbana, área do conhecimento que tem como uma de suas questões centrais a problemática da produção, uso e apropriação do espaço urbano de modo desigual e contraditório.

Neste sentido, o presente estudo visa investigar o processo de formação da Vila Catinga, enquanto parte constitutiva do processo de urbanização de Pelotas, caracterizando-se como um caso emblemático: trata-se de um espaço periférico situado no perímetro do bairro Centro. Seus conteúdos socioespaciais são aqueles da pobreza urbana, face característica de nossa urbanização. A proximidade com a área central consolidada da cidade representa para a população da Vila Catinga uma estratégia de sobrevivência. Muitos de seus moradores são trabalhadores pobres da cidade de Pelotas. A acessibilidade à área central permite uma série de possibilidade de inserção nas atividades próprias do espaço urbano, inserindo-se no chamado “círculo inferior da economia urbana”, onde se desenvolve o chamado “comércio informal”, segundo a obra de Milton Santos.

A análise teórica se dá com base nas contribuições de geógrafos dedicados ao tema da urbanização, bem como em obras que fundamentam seus estudos. Destaca-se a importância da periodização histórica, pelo “método regressivo-progressivo” da obra de Henri Lefebvre, sobretudo em seu livro “A revolução urbana” (2004). Considera-se também de fundamental importância a dimensão histórica da produção do espaço, com ênfase aos estudos do professor Sidney Gonçalves Vieira

¹ Acadêmica do 5º semestre do curso de Geografia – UFPel. <gilciane.jansen@hotmail.com>

² Acadêmica do 5º semestre do curso de Geografia – UFPEL. <paula_novack@hotmail.com>

³ Professora Orientadora. Universidade Federal de São Carlos/SP. <rburgos@usp.br>

sobre a cidade de Pelotas, sobretudo em seu livro “A cidade fragmentada”, publicado em 2005. A problemática da apropriação e uso do espaço urbano, tornando-os verdadeiros “territórios de uso”, é abordada pela tríade analítica do espaço “concebido-percebido-vivido”, e que está na base do referencial teórico da obra de Odette Seabra, da qual destaca-se “O pensamento de Henri Lefebvre e a Geografia”, de 1996, e “Territórios do uso: cotidiano e modo de vida”, de 2004. Ainda sobre a formação de territórios periféricos no espaço urbano, considera-se como base, a pesquisa da professora Rosalina Burgos sobre “Urbanização e formação de territórios no espaço urbano periférico na cidade de Pelotas”, junto ao qual este estudo sobre a Vila Catinga teve início.

2 METODOLOGIA

A metodologia que norteia o desenvolvimento deste estudo se estrutura em linhas gerais pelas seguintes etapas:

1) Revisão Bibliográfica e Pesquisa Documental e Cartográfica

O trabalho teve início com a Revisão Bibliográfica sobre o tema da urbanização, com destaque ao caso de Pelotas. O principal acervo consultado foi da Biblioteca do Instituto de Ciências Humanas, ICH/UFPel. Também foram base as referências bibliográficas da Disciplina “Geografia Urbana. Estes constam na bibliografia apresentada ao final deste resumo. Concomitante a este primeiro procedimento, realizou-se Pesquisa Documental e Cartográfica junto à Biblioteca Municipal de Pelotas, Jornal Diário Oficial, repartições da Prefeitura de Pelotas e também ao acervo de informativos de “Nelson Nobre Magalhães”, em seu “Projeto Pelotas Memória”.

2) Trabalho de Campo na “Vila Catinga”.

Realizou-se pesquisa de campo junto aos moradores da Vila Catinga, no sentido de aprofundar os conhecimentos sobre seu processo de formação. Foram utilizadas técnicas de Observação, Anotações em caderneta de campo, Registros Fotográficos, elaboração de croquis sobre a área estudada, bem como obtenção de relatos com moradores antigos, sob a forma de “histórias de vida”.

3) Análise e organização do material de pesquisa:

Esta terceira etapa já apresenta alguns resultados, expostos neste trabalho. Assina-se, contudo, que a pesquisa continua em desenvolvimento, o que deverá resultar em nosso Trabalho de Conclusão de Curso.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1 Breve introdução ao tema da formação da periferia urbana em Pelotas

A formação dos espaços periféricos na cidade de Pelotas torna-se expressivo, sobretudo, a partir da década de 1970. Neste período, estimava-se que em Pelotas havia 207.869 habitantes, número este que aumentou para 259.994 na década de 1980. Ou seja, existiu um aumento de 25,07% da população no período de uma década, sendo que grande parte destes valores foram efeitos do êxodo rural, onde a população deixa o campo pela cidade, em busca de melhores condições de vida.

No contexto da cidade de Pelotas, em 1971, com o crescimento industrial no setor da alimentação, é implantado o distrito industrial e isso possibilitou a instalação de várias indústrias que receberam incentivos da Prefeitura Municipal e também incentivos dos bancos de desenvolvimento. Esses incentivos foram noticiados no Jornal Diário Popular:

“O prefeito Alves da Fonseca participou de encontro na sede do Centro das Indústrias com empresários locais e o diretor superintendente do BRDE (Banco Regional do Desenvolvimento)... na oportunidade foram debatidos entre outros assuntos a possibilidade de financiamento para a construção em Pelotas de indústrias. (Diário Popular, 19.05.1971, p.4)”

Em virtude da política de desenvolvimento industrial, ocorrida no início da década de 1970 em Pelotas, em que indústrias com novas tecnologias vieram instalar-se no município, foi necessário a obtenção de mão-de-obra qualificada e, conforme noticiado no Diário Popular de 28 de setembro de 1971, Pelotas não tinha disponibilidade destes recursos humanos. Assim, notícias do referido Diário Popular divulga que indústrias pedem empregados especializados à Prefeitura:

“as novas indústrias que recentemente se instalaram em Pelotas já estão solicitando à agência de emprego e reemprego, órgão da Prefeitura Municipal,

funcionários especializados para o preenchimento de vagas. (Diário Popular, 19.05.1971, p.4)

Os fortes investimentos no setor industrial pelotense impulsionaram a formação de uma massa proletária que se instalou nas imediações do centro da cidade. Com base em Vieira (2005):

O crescimento das favelas, das periferias, dos loteamentos clandestinos, irregulares, destinados à população de baixa renda, não seguem a ótica do sistema que o mercado impõe. Assim, Pelotas não foge às regras de crescimento urbano, impostas pelo capitalismo e que se reproduz em toda parte. A valorização de lotes, forçando as camadas mais pobres da população a se afastarem do centro, como local de moradia, indo localizar-se nas periferias, sem infra-estrutura, reproduz um modelo de crescimento em que impera a lógica do mercado de terras urbanas próprias do capitalismo.

O relato de um dos moradores nos permite compreender o período em que Vila Catinga iniciou sua formação: “*em 1973, vim morar aqui na vila porque aterraram o arroio*”. (L. L., 64 anos, *Chapista de carros*)

É neste contexto que surge a Vila Catinga, frente ao *déficit* habitacional para a população de baixa renda que, num primeiro momento, deixa o campo em busca de empregos no setor industrial em expansão, mas que em seguida constitui massa de desempregados resultantes da crise econômica que afeta a economia nacional e em Pelotas, de modo particular, após a década de 70.

3.2 A Formação da Vila Catinga

A Vila Catinga, como já mencionado, tem seu processo de formação iniciado no contexto dos acontecimentos econômicos da década de 70. Neste período, o Arroio Santa Bárbara – cuja várzea deu lugar à Vila Catinga em seu baixo curso – estava sendo aterrado. Foi sobre o “braço morto”, ou antigo curso original do Arroio Santa Bárbara que a vila se edificou. Conforme Peter (2004):

a cidade continuou crescendo, e a população acabou por ocupar algumas áreas aterradas do antigo arroio. Estes terrenos pertencem à União e são ocupados por posseiros que têm dificuldade em regularizar a sua situação perante a Prefeitura Municipal.

Nas entrevistas realizadas no campo um dos moradores me relata a formação da Vila Catinga sobre o braço morto do Santa Bárbara da seguinte forma: “*Me criei tomando banho e jogando bola nas margens do arroio quando ele ainda*

passava por essas redondezas, vi a formação da vila [...] no início depois que aterraram o arroio haviam em torno de 4 ou 5 casinhas."

Nesta época, a indústria pelotense estava se desenvolvendo e necessitava de mão-de-obra, principalmente no ramo alimentício. A grande maioria tentava residir próximo à indústria em que trabalhava. Embora essa localidade na cidade não apresentasse condições mínimas de moradia às pessoas, erguiam seus casebres de modo muito rudimentar. Esses indivíduos contribuíram para a formação da malha urbana periférica da cidade de Pelotas, sendo uma das manifestações da problemática urbana que afeta cidades em todo o país.

Pelotas, com cerca de 350 mil habitantes (ITEPA), consolida-se como centralidade nos ramos de comércio e serviço na porção sul do Estado do Rio Grande do Sul. É uma cidade de porte médio, que guarda características comuns de cidades pequenas em seu cotidiano, mas que apresenta verdadeiros problemas de cidades grandes, a exemplo de nossas metrópoles. A questão habitacional é uma delas e a Vila Catinga, em linhas muito gerais, representa parte desta problemática.

4 CONCLUSÕES

Pode-se observar, no decorrer deste trabalho, que a formação da Vila Catinga no espaço urbano periférico de Pelotas tem em seu início relação com o desenvolvimento industrial na cidade de Pelotas, na década de 70. Nesta época, o Arroio Santa Bárbara foi canalizado e aterrado, logo apossado para moradia de famílias pobres, nas proximidades do centro da cidade. No início do processo analisado, as fábricas, engenhos e curtumes ficavam nas proximidades da zona central, assim como o comércio e os serviços hoje. Desta forma, a proximidade entre o local da moradia e do trabalho é central neste estudo. Por fim, a Vila Catinga se consolida como periferia urbana situada contígua ao Centro de Pelotas.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BURGOS, Rosalina. **Urbanização e formação de territórios no espaço urbano periférico na cidade de Pelotas – RS.** Pelotas: PRPPG – UFPel, 2009-2010.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **Espaço-tempo na metrópole: a fragmentação da vida cotidiana.** São Paulo: Contexto, 2001.

CARLOS. Ana Fani Alessandri. **A (re)produção do espaço urbano.** São Paulo: EDUSP, 1994.

LEFEBVRE, Henri. **A revolução urbana.** Belo Horizonte: UFMT, 2004.

MAGALHÃES, Nelson Nobre (editor). **Pelotas Memória**, nº 4, Pelotas, 1990.

PETER, Glenda Dimuro. Santa Bárbara- **O braço morto do arroio que ainda vive na memória.** TCC. Porto Alegre: FAUrb/ UFRGS, 2004.

SEABRA, Odette. O pensamento de Henri Lefebvre e a Geografia. **Boletim Paulista de Geografia**, n.74, 1996. Pp.7-21

SEABRA, Odette. Territórios do uso: cotidiano e modo de vida. **Revista CIDADES**. vol.1, n.1, 2004. Pp.181-206

VIEIRA, Sidney Gonçalves. **A cidade fragmentada.** Pelotas: Editora da UFPel, 2005.

VIEIRA, Sidney Gonçalves. **A fragmentação social do espaço urbano. Uma análise da (re) produção do espaço urbano em Pelotas, RS.** Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: PROPUR/FAUrb/UFRGS, 1997.

Jornal Diário Popular. Pelotas. Anos 1968, 1969, 1970 e 1971.

ITEPA- Instituto Técnico de Pesquisa e Assessoria UCPel. Disponível em:<<http://antares.ucpel.tche.br/itepa/>>. Acessado em 20/08/2010.